

Gabriel de Braga Boeing – Aluno de Graduação Universidade de Osaka

Estudar em uma universidade japonesa é uma experiência completamente diferente de estudar em uma universidade brasileira, e pode ser muito difícil de se adaptar no princípio. Nesse meu primeiro ano na Universidade de Osaka, aprendi que o sistema educacional japonês é muito diferente e tem suas peculiaridades. Idioma acabou não sendo o meu maior problema, por incrível que pareça.

Os professores de engenharia valorizam muito a memorização, então não apenas aprender a matéria e japonês era o desafio, mas também memorizá-la. Tive algumas matérias em que os professores requisitavam que os alunos escrevessem uma pequena redação ou resolvessem um questionário valendo nota sobre os conteúdos que foram explicados naquele momento (alguns deixavam escrever em inglês, mas não fazia muita diferença, pois a aula em si é em japonês), como para mim era muito difícil escrever rápido em japonês (geralmente tínhamos em torno de 10 minutos para fazer tudo), tive que apelar ao psicólogo da universidade, que conseguiu conversar com os professores da matéria para que o questionário pudesse começar a ser entregue na próxima aula.

Uma coisa que eu aprendi é que se há qualquer tipo de problema, principalmente relacionado à forma de tratamento dos estrangeiros, sempre há alguém na universidade para recorrer, você nunca está desamparado.

Outra coisa que percebi é que temos menos aulas de uma determinada matéria, sem tempo para exercitar os conhecimentos em aula, ou seja, é um método de estudo muito mais autodidata, pelo menos aqui na Universidade de Osaka.

Se tornando amigo dos seus colegas de classe e veteranos pode fazer com que os estudos na universidade sejam mais fáceis (por exemplo, o jeito que os japoneses aprendem matemática é muito diferente do jeito que nós aprendemos, mas em compensação, alunos brasileiros já sabem fazer seminários desde o ensino fundamental, enquanto alunos japoneses só entram em contato com isso na universidade, ou seja, pode existir uma troca de conhecimentos vantajosa nesse meio).

Além do mais, o primeiro ano para alunos de engenharia é o mais corrido, então foi um tanto quanto estressante, mas algumas coisas fazem valer a pena. As cerejeiras desabrochando na primavera, as árvores ficando vermelhas no outono, e, no meu caso, ter tido a oportunidade de atender a uma aula do inventor do LED vermelho.